

ADOLESCENTES NEGRAS DE SANTANA DO LIVRAMENTO – RS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE RACISMO E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES NA FRONTEIRA

FLAVIA GIRIBONE ACOSTA DUARTE¹; MARCUS VINICIUS SPOLLE³

¹Ufpel – *flavica@yahoo.com*

³Ufpel – *sociomarcus@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é baseado na dissertação de Mestrado em Sociologia apresentado em Março deste ano. A compreensão de como as adolescentes negras moradoras de Santana do Livramento percebem a construção de suas identidades e como elas experienciam o racismo é o tema desse trabalho. Este trabalho visa entender como estas jovens negras estão vivenciando seus processos de identificações sendo estudantes do ensino médio de escolas estaduais e como moradoras do bairro Carolina e do bairro Centro, da cidade supracitada.

Isto foi feito através de uma pesquisa qualitativa utilizando entrevistas semiestruturadas como forma de se aproximar às ideias e percepções das adolescentes pesquisadas. Assim, tem-se como objetivo geral compreender como as adolescentes negras estão construindo suas identidades na periferia e no centro de Santana do Livramento e como elas se posicionam com relação ao racismo. Além disso, têm-se como objetivos específicos: analisar como as alunas estão dialogando com o processo de construção de suas identidades, como lidam com o racismo e as ações afirmativas realizadas no âmbito escolar; compreender a relação que as adolescentes têm com os movimentos negros e se estes compõem a construção de suas identidades; e perceber de que forma as adolescentes articulam suas identidades frente às possibilidades de mobilidade social.

A fundamentação teórica do trabalho foi feita baseada em obras de autores como Hall, Gilroy, Silverio, Brah, Guimarães, Paixão, Fanon, dentre outros que trabalham com temas relacionados com estudos de identidade, raça, gênero, interseccionalidades e desigualdades em geral.

2. METODOLOGIA

Com relação à escolha do método, este se deu pensando na melhor forma de analisar as percepções das adolescentes. Assim, esta pesquisa fez uso de entrevistas como recurso para a análise das histórias orais das jovens pesquisadas.

Com relação à escolha dos entrevistados, ou seja, a quem entrevistar, esta escolha se deu de acordo com os objetivos da pesquisa. Com isso, foi-se determinado que seriam entrevistadas adolescentes negras estudantes de escolas públicas que estivessem cursando o último ano do ensino médio. Além das adolescentes, foi-se necessário entrevistar também fundadores dos movimentos negros da cidade, bem como professores e diretores. Com relação ao número de entrevistadas, o mesmo não foi estipulado a princípio por acreditar que este número se daria no decorrer da pesquisa. Sendo assim, a pesquisa foi concluída com onze entrevistas de adolescentes negras acreditando ser um número suficiente que foi ao encontro dos objetivos traçados.

Foi feita uma pesquisa qualitativa e os dados foram coletados no segundo semestre de 2016. Num primeiro momento fez-se uso de informações que constam nas secretarias das escolas com relação à autotransclassificação dos alunos dentro das categorias de cor/raça/etnia como forma de conhecer melhor a realidade a ser estudada. Foi pedido nas duas secretarias a listagem de alunos do terceiro ano do ensino médio com as classificações de raça/etnia. Na sequência foram separadas as jovens que constavam na lista como pardas ou pretas. Uma aluna que estava na escola no momento das entrevistas acabou fazendo parte da pesquisa, mas na lista da escola ela aparece como raça não declarada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa objetivou compreender como as adolescentes negras estão construindo suas identidades na periferia e no centro de Santana do Livramento e como elas se posicionam com relação ao racismo.

A lei 10.639 de 2003 fez parte da pesquisa buscando saber até que ponto ela estava sendo um elemento importante nas construções das identidades das jovens entrevistadas. Todas elas disseram desconhecer a lei, mas todas disseram que participam de atividades na escola relacionadas com a história da África, cultura afro-brasileira, racismo, preconceito e desigualdade., não havendo nesse caso, diferença entre os bairros.

Dessas oito entrevistadas, quatro delas percebem o racismo e o aceitam. Com isso, acabam por naturalizar situações vividas. Já as outras quatro entrevistadas desse grupo de oito conseguem enxergar o racismo e reagir.

Em se tratando de participação na construção das identidades das adolescentes, os movimentos negros do município não se mostraram presentes nas falas das jovens. Mesmo os movimentos negros se mostrando muito atuantes no município em outros aspectos, nesse tema em específico não houve participação significativa.

Como já foi mencionado anteriormente, a escola e a implementação da lei aparecem como uma participação bastante ativa no processo de construção, bem como seu sentimento de pertencimento a determinado bairro. O vínculo com atividades relacionadas à cultura afro-brasileira também aparece fortemente, principalmente a religião de matriz africana, a Umbanda. No tocante a religião e sua possível influência nas construções das identidades das alunas, as trajetórias das adolescentes vinculadas com a Umbanda se mostra bem diferente das adolescentes evangélicas e daquelas que disseram não ter nenhuma religião definida. As umbandistas disseram tratar de questões raciais de uma forma natural, mas reflexiva dentro dos terreiros e principalmente com suas mães. A relação inter geracional e a religião se mostram de extrema influência nas alunas umbandistas.

Outro ponto que foi relevante na construção das identidades de algumas entrevistadas foi com relação ao racismo dentro das próprias famílias. Algumas delas vêm de famílias interraciais e, com isso, pode-se entender o que elas descrevem, pois vivem situações dentro de suas próprias casas. Os relatos mostram trajetórias do poder do branco historicamente marcado no Brasil. As práticas culturalmente aceitas são relatadas pelas adolescentes e, segundo elas, o que acontecia em suas famílias fez com que elas refletissem sobre o porquê de determinadas atitudes.

Descrevem a participação da escola e de suas mães ao se falar em cabelo e autoestima. Mas outras ainda, mesmo sentindo um incômodo, não pensam em

mudanças. A cor da pele variou dependendo de quem a declarava e os pais de algumas adolescentes declararam que elas eram mais brancas do que elas mesmas se autodeclararam, mostrando assim talvez ainda uma tentativa de branqueamento ou de maior aceitação das filhas na sociedade.

4. CONCLUSÕES

A construção do que é ser negro no Brasil ainda é muito forte na fala das adolescentes, onde muitas vezes elas não conseguem nem explicar porque defendem determinado comportamento. Mesmo assim, as alunas, depois da implementação da lei no seu espaço escolar, se percebem mais seguras e articuladas. Seus processos identitários, influenciados pelas atividades promovidas para aumentar a autoestima, fazem com que essas adolescentes negras terminem o ensino médio com perspectivas de mudanças e mobilidade social.

Verificou-se que as construções das identidades em foco e seu contexto cultural estão sendo influenciados de forma significativa pela implementação da Lei 10.639/03 e de forma sutil pelas atividades dos movimentos negros de Santana do Livramento. A construção das identidades a partir da interseccionalidade das categorias raça, gênero e classe, das adolescentes do terceiro ano, trouxe outros elementos para o debate que se mostraram relevantes e fortemente presentes nas construções de suas identidades, como a reação a situações de racismo, as influências da família, da religião, da autoestima, cabelo e beleza, bem como do ambiente escolar. Elementos como a relação com a mãe, o local de origem ou bairro, a importância do cabelo, o vínculo com a escola, e atividades que acontecem nela no processo identitário, foram tomando uma dimensão não esperada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. In: **Cadernos Pagu**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 26. p. 329-376, 2006.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos**. Teoria social, anti-racismo e cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DORFMAN, Adriana. **Nacionalidade doble-chapa**: novas identidades na fronteira BrasilUruguai. In: Álvaro Luiz Heidrich; Benhur Pinós da Costa; Claudia Zeferino Pires; Vanda Ueda. (Org.). A emergência da multiterritorialidade: a resignificação da relação do humano com o espaço. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 241-270.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOMES, Nilma L. e MUNANGA, Kabengele. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, NilmaL. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo:** reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03>. Acesso em: 26/12/2016

GONZÁLES, Lelia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GUIMARÃES, Antônio. S. A. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Editora 34, 2012.

GUIMARÃES, Antônio S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil.** São Paulo: Editora 34, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura.** Disponível em: www.ufrgs.br/.../Word/texto_stuart_centralidadecultura.doc. Acesso em: 24/12/2016.

LOURO, Guacira L. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 11/02/2017

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de dizer quem é negro no Brasil.** Disponível em: <http://umnegro.blogspot.com.br/2008/05/kabengele-munanga-difcil-tarefa-de.html>. Acesso em: 03/01/2017.

ORO, Ari P. **As religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Debates do ner, ANO 9, N. 13 P. 9-23, JAN./JUN. 2008

PAIXÃO, Marcelo. **500 anos de solidão:** Ensaio sobre a desigualdade racial no Brasil. Curitiba: Appris, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **A questão das mulheres negras precisa ser central.** Disponível em: <http://www.geledes.org.br/questao-das-mulheres-negras-precisa-ser-central/>. Acesso em: 17/06/2016

SILVERIO, Valter. **Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15560.pdf>. Acesso em: 20/12/2016

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPOLLE, Marcus V. **A mobilidade social dos negros no Rio Grande do Sul:** os efeitos da discriminação racial nas trajetórias de vida. Porto Alegre: UFRGS. Tese de doutorado em sociologia, 2010.